



Veredas atemática Volume 19 nº 2 – 2015

As listas de Perec: a causa das coisas na metonímia e o objeto *a*

Leda Verdiani Tfouni (FFCLRP-USP)

Juliana Bartijotto (FFCLRP-USP)

Kátia Alessandra dos Santos (USP/UNICENTRO)

RESUMO: O objetivo é apresentar uma leitura possível da obra “As coisas: uma história dos anos sessenta”, de George Perec, utilizando como quadro teórico principal a psicanálise lacaniana e recorrendo a alguns pontos da Análise do Discurso pêcheutiana (AD), abordando conceitos como: discurso, ideologia, metonímia e objeto *a*. Os personagens encarnam sujeitos contemporâneos, submetidos pela ideologia capitalista ao consumo de objetos que nunca preencherão o vazio estrutural do desejo. Em sua demanda sempre frustrada, formam-se listas quase intermináveis de produtos, num deslizamento metonímico sem fim.

Palavras-chave: discurso; ideologia; modernidade; objeto; metonímia; desejo.

Introdução

A respeito de seu texto *As coisas*, George Perec afirma que não se trata de um romance, mas de um “inventário de tudo que pode ser dito a propósito da fascinação que exercem sobre nós os objetos” (2012, orelha do livro). Considerando as especificidades do texto a análise que propomos não pretende ser uma análise literária ou sociológica, como já o fizeram outros autores (e.g. SPERANZINI, 2011). Nosso objetivo é apresentar uma leitura que articula duas áreas do conhecimento: a Análise do Discurso pêcheutiana (AD) e a psicanálise lacaniana.

Partimos do quadro teórico dessas duas áreas, abordando conceitos como o discurso, a metonímia e o objeto *a*. O enfoque sobre o acúmulo de coisas busca topicalizar, na obra, o

acúmulo de palavras, sobrepostas em listas quase infinitas, que, ao procurar o objeto *a* através dos objetos de consumo, conseqüentemente, deflagram o vazio do sujeito no espaço deixado entre as coisas, hiato que aponta para o desejo.

1. As coisas: uma história dos anos 60

Um narrador anônimo inicia a narrativa, que se passa nos anos 60, descreve o cômodo de uma casa, do ponto de vista do olhar. Escaneia o espaço minuciosamente, em seus detalhes aparentemente menos significativos; o olhar passa por vários cômodos apresentando tipo de móveis, a quantidade, as cores, os enfeites, indicando a localização de cada objeto no espaço. Aponta, também, a existência ilusória de uma harmonia entre os moradores, o ambiente e os objetos:

O olhar, primeiro, deslizaria sobre o carpete cinza de um corredor comprido, alto e estreito. As paredes seriam armários de madeira clara, cujos ornamentos de cobre luziriam [...]. Então, o carpete daria lugar a um assoalho quase amarelo, que três tapetes de cores desbotadas cobririam parcialmente [...]. Às vezes pensariam que uma vida inteira poderia harmoniosamente transcorrer entre aquelas paredes cobertas de livros, entre aqueles objetos tão perfeitamente domesticados [...] (PEREC, 2012, p.14).

Como é possível observar no fragmento anterior, o autor dá indícios de que existem personagens pelo uso de verbos de ação na terceira pessoa do plural do futuro do pretérito, e essa organização sintático-gramatical impessoaliza o sujeito e indetermina o tempo, criando um ambiente narrativo de enigma, que desafia o leitor para interpretar.

No capítulo seguinte, os personagens são introduzidos de modo mais claro - Jérôme e Sylvie - dois estudantes que são descritos da seguinte maneira:

Para esse jovem casal, que não era rico, mas desejava sê-lo, simplesmente porque não era pobre, não havia situação mais desconfortável. Tinham apenas o que mereciam ter. Embora já sonhassem com espaço, luz, silêncio, eram mandados de volta para a realidade, nem sequer sinistra, mas simplesmente encolhida - e isso talvez fosse pior -, de seu apartamento exíguo, de suas refeições cotidianas, de suas vidas miseráveis. Era o que correspondia à situação econômica e à posição social deles (PEREC, 2012, p.15).

O narrador descreve as atividades rotineiras do casal, as ações repetitivas, os encontros com os amigos. Porém, entre o desejo de ser rico, obter as coisas, e a possibilidade concreta de realizar esse desejo, existe um impedimento radical:

Mas entre esses devaneios grandes demais, aos quais se entregavam com estranha condescendência, e a nulidade de suas ações reais, nenhum projeto racional, que conciliasse as necessidades objetivas e suas possibilidades financeiras, vinha se inserir. A insensibilidade dos desejos os paralisava (PEREC, 2012, p.19).

Há uma impossibilidade (estrutural) de obter o objeto do desejo, assim se instala a insistência de uma demanda sempre frustrada. E no mundo deles era regra desejar mais do

que podiam comprar, era uma lei da civilização, instigados pela publicidade em geral, revistas, artes, produções culturais.

Os personagens, devido ao desejo e à frustração, decidem deixar a faculdade para trabalhar como psicossociólogos. Como aspiravam obter mais do que podiam, viam o trabalho não como opção, mas como necessidade. Era um trabalho que lhes daria dinheiro suficiente para comprarem “coisas”, ao mesmo tempo em que lhes proporcionava um tempo livre para usufruir dos objetos materiais e da noite parisiense:

Esse trabalho, que não era exatamente um ofício, nem mesmo uma profissão, consistia em entrevistar pessoas, segundo técnicas diversas, sobre assuntos variados. [...] era relativamente bem pago e lhes deixava um apreciável tempo livre (PEREC, 2012, p.23).

Pela primeira vez ganhavam algum dinheiro. Não gostavam do trabalho: poderiam ter gostado? [...]. Não tinham nada; descobriram as riquezas do mundo (PEREC, 2012, p.27).

A partir de então, os personagens alcançaram uma vida intensa com os amigos, os quais também vinham de uma pequena burguesia e olhavam com inveja o conforto e o luxo dos grandes burgueses. Supunham que a felicidade estava nesse luxo. A vida deles, segundo o narrador, apresentava uma ambiguidade: ora euforia ora angústia. Assim viviam em seus pequenos apartamentos, com seus passeios, filmes, jantares e projetos. “Não eram infelizes” (PEREC, 2012, p. 46), ou seja, também não eram felizes...

A pesquisa como trabalho não duraria; um dia teriam que escolher: ou conhecer o desemprego ou integrar-se num trabalho sólido em tempo integral. Eles encontraram tal emprego, mas não aguentaram muito tempo; sentiam-se “apanhados numa armadilha, perdidos igual ratos” (PEREC, 2012, p. 50).

Essa nova vida também não era satisfatória: “Tinham-se instalado no provisório. [...] Mas de todos os lados o perigo os espreitavam [...]. Tinham medo [...]. Entre eles erguia-se o dinheiro. [...] algo pior que a miséria. [...] Sufocavam sentiam-se afundar (PEREC, 2012, pp.54-55)”. Eles sabiam que a liberdade não passava de um engodo. Almejavam uma felicidade contínua, mas viviam num “[...] mundo estranho e variável, o universo cambiante da civilização mercantil, as prisões da abundância, as armadilhas fascinantes da felicidade (PEREC, 2012, p. 65)”.

Era a resposta para a inquietude deles: “A lassidão era forte demais. O mundo ao redor, exigente demais (PEREC, 2012, p. 67)”. Portanto, tentam fugir, resolvem aceitar o emprego de professores na Tunísia. Sylvie foi nomeada para o colégio técnico em Sfax e Jérôme para professor primário em Mahares. Sfax era uma cidade europeia destruída pela guerra, compunha-se de umas trinta ruas cruzando-se em ângulo reto. Mas lá tinha a casa maravilhosa e confortável que sempre cobiçaram:

Estavam felizes de ter partido. Parecia-lhes que saíram de um inferno de metrô superlotados, de noites curta demais [...]. A vida deles tinha sido apenas uma dança incessante numa corda bamba, que não levava a nada [...]. Sentiam-se esgotados. Partiam para enterrar, para esquecer, para sossegar (PEREC, 2012, p. 90).

No entanto, os dias pareciam cada vez mais longos, o inverno úmido; em uma cidade opaca, a vida deles apenas transcorria. Começaram a ter uma sensação de estranheza. “A solidão deles era total (PEREC, 2012, p. 98)”.

Percebem-se longe do contexto parisiense, e sem o reconhecimento do outro, não tinham mais projetos, não esperavam mais nada, não compravam nada, não sentiam alegria, nem tristeza, era um vazio, mergulhavam no tédio. Poderiam ter ficado lá, dinheiro não lhes faltava. “Eles andavam calados, desorientados, e às vezes tinham a impressão de que tudo não passava de ilusão, que Sfax não existia, não respirava. Procuravam ao redor sinais de convivência. Nada lhes respondia (PEREC, 2012, p. 99)”.

Não tendo encontrado, mais uma vez, o que procuravam, decidem voltar a Paris: “Tentarão viver como antes. Tornarão a fazer contato com as agências de antigamente. Mas os feitiços terão se quebrado. De novo se sentirão sufocados. Acreditarão rebentar de mesquinhez, de exiguidade (PEREC, 2012, p. 112)”.

2. A causa das coisas na metonímia

A apresentação do casal e do enredo coloca em cena a característica mais notável da obra analisada: no plano principal não estão as pessoas ou as ações por elas realizadas, mas as listas infundáveis de “coisas”, pois o texto é construído muito mais a partir da descrição do que da narração. O leitor se depara, então, com descrições minuciosas de objetos, lugares, séries:

A vida ali seria fácil, simples [...]. Haveria uma cozinha ampla e clara, com ladrilhos azuis ornados de brasões, três pratos de louças decorados de arabescos amarelos com reflexos metálicos, armários por todo lado, uma bela mesa de madeira natural no centro, tamboretas, bancos (PEREC, 2012, p. 13).

Essas séries descritivas interrompem o fluxo narrativo, sendo este um dos motivos pelos quais o próprio autor nega a designação de “romance” para o texto, embora o subtítulo seja: “Uma história dos anos sessenta”. Tal interrupção se dá porque há uma quebra da ação, e os personagens são colocados nos bastidores, numa posição passiva e contemplativa, sem dar contribuição proeminente ao desenrolar dos fatos.

Na tentativa de encontrar uma interpretação admissível para isso, e estabelecendo uma ponte entre Psicanálise lacaniana e Análise do Discurso pècheutiana, iremos nos concentrar, inicialmente, no título do livro (“As Coisas”), tomando-o como catalisador semântico para a busca sem fim do objeto de satisfação plena do desejo (“das Ding”).

“As coisas”, expressão plural do significante “a coisa”, manifesta sempre uma indeterminação, ainda que possa funcionar como elemento referencial de algo determinado, dito previamente ou posteriormente. A expressão “coisa” também é mais frequentemente utilizada para designar objetos concretos, embora possa também referir-se a substantivos abstratos. Curiosamente, a palavra “coisa” tem sua origem no latim “causa”, “motivo ou razão de”. Assim, apostamos aqui que na obra de Percec (2012) procura-se definir, materializar “as coisas”, no intuito de encobrir “a coisa” em si, ou seja, a causa, “das Ding”.

A noção de “das Ding” nasce com Freud no texto “Projeto de uma psicologia” ([1985] 1995a) e é retomada por Lacan no Seminário 7, “A Ética da Psicanálise” ([1959-69]1997). Afirma Freud ([1985] 1995a) que o princípio do prazer é regulado pela “... mola pulsional do mecanismo psíquico” (p. 30), que não cessa nunca e, considerando que o sujeito não pode se livrar disso, a satisfação plena jamais ocorrerá. O objeto inicial de satisfação, representado

pelo seio, nunca mais estará ao alcance do sujeito, que terá que se contentar com satisfações parciais.

Para Lacan, “das Ding” é o objeto assimilado pelo sujeito da sua experiência com o Outro como sendo “algo estranho”. “Das Ding” serve de referência para o desejo, apesar de ser inassimilável pelo sujeito. O que se espera encontrar, conforme Lacan, é “das Ding”, ou seja o “Outro absoluto do sujeito” (Lacan, [1959-69] 1997, p. 69). Representa, portanto, o vazio, o furo na subjetividade, o “fora-do-sentido”, apontando para o Real. Lacan ([1959-69] 1997) alerta, ainda, para o fato de que “a Coisa” é diferente da representação da coisa. Assim, algo se instala o lugar da “Coisa”, fazendo ao mesmo tempo com que ela se apague, mas garantindo-lhe a existência por significá-la, materializá-la. O que aparece, então, no lugar da “realidade muda” (Lacan, [1959-69] 1997, p. 72) é o significante. A esse objeto inominável, Lacan vai chamar, posteriormente, de objeto *a*, ou seja, objeto causa de desejo.

O que permite ao sujeito substituir “a Coisa” por linguagem é a amarração pela metáfora inaugural, chamada por Lacan de Nome-do-Pai; o significante que transmite a lei do incesto, transmite a cultura, impossibilitando o acesso à Coisa e organizando a cadeia significante (Lacan, [1957-59] 1999).

O mecanismo responsável por fazer deslizar esse objeto irrecuperável para outros objetos, significantes e, assim, possibilitar ao sujeito desejar, é a metonímia. Lacan, retomando os postulados de Saussure ([1916] 2006) e Jakobson ([1942] 2001) e reunindo a eles o conceito de formações do inconsciente estabelece uma relação entre a psicanálise e a linguística, dá às figuras de linguagem metáfora e metonímia um estatuto de conceito psicanalítico. Assim, afirma: “O que Freud chama de condensação é o que se chama, em retórica, metáfora, e o que ele chama de deslocamento, metonímia” (LACAN, [1955-56] 1985, p. 251).

Desse modo, o processo metafórico pode ser entendido como relações de similaridade, substituição, que intervêm no eixo paradigmático; trata-se de uma substituição significante, enquanto a metonímia é caracterizada como um processo de transferência de denominação, que só é possível com a ressalva de que existam certas condições de ligação entre os dois termos. Podem estar ligados por uma relação de matéria a objeto ou de continente a conteúdo, parte pelo todo ou relação de causa e efeito (DOR, 1989, p. 46).

De modo geral, a metonímia é a figura que representa o desejo, cuja satisfação é sempre parcial; parte de um todo perdido, e está em constante deslizamento, de objeto em objeto, e, assim, a demanda (manifestação imaginária do desejo) por novos objetos de satisfação é constante, obedecendo à pulsão. No entanto, entre o desejo e a demanda há uma hiância, um vazio que nenhum objeto pode tamponar, e isso gera a angústia no sujeito. A pulsão se encarrega de fazer com que o desejo gire, e coloca o sujeito sempre em busca de novos objetos de satisfação (coisas), o que produz a cadeia metonímica do desejo. Esse circuito fica materializado no seguinte trecho do livro:

Iam mudando, iam se tornando outros. Não era tanto a necessidade, aliás real, de se diferenciar daqueles que lhes cabia entrevistar, de impressioná-los sem deslumbrá-los. [...] Mas o dinheiro- essa observação é necessariamente banal- suscitava necessidades novas. Eles teriam ficado surpresos ao constatar, se tivessem por um instante refletido nisso- mas naqueles anos pouco refletiam-, a que ponto se transformara a visão que tinham dos próprios corpos, e, além disso, de tudo o que lhes dizia respeito, de tudo o que lhes importava, de tudo o que estava se tornando o mundo deles (PEREC, 2012, p. 29).

As “necessidades novas” que o dinheiro proporciona numa sociedade de consumo referem-se à possibilidade de compra de “novos” objetos. Trata-se aí da demanda e do desejo, que, ao mesmo tempo em que fecham o circuito entre o real, o imaginário e o simbólico, deixam uma hiância, um vazio que nunca será preenchido por objeto algum, e isso produz angústia. A relação entre o eu e o outro, e a própria percepção que os personagens tinham de si mesmos mudam, porém, imersos na alienação gerada pela roda viva do consumo, passam a enxergar o mundo através de outro ponto de vista. A essa alienação aos objetos, ou coisas, Marx (o capital) denomina *fetichização*. Tfouni e Tfouni (2008) descrevem esse processo:

O sujeito [...] em busca (demanda) de um objeto: dirige-se a algo que lhe dê vida, que satisfaça seu desejo, em suma, que lhe dê um sentido ontológico. No entanto, depois de adquirir a mercadoria, aquilo que lhe dá vida é aquilo que na verdade o reifica. A mercadoria, mero objeto físico (nas palavras de Marx), então, adquire vida. Desse modo, a realidade, que serve de filtro para o assédio do Real mortificante, sofre uma transformação, onde a relação intersubjetiva passa a ser uma relação objetificada (mediada, conduzida e dirigida aos e pelos objetos) (PEREC, 2012, p. 92).

O recorte nos adverte para o modo como a falta é preenchida imaginariamente pelo desejo e pela demanda, e como essa falta faz girar o desejo, deslizando de um objeto para outro. Entretanto, o que se chama no texto de “necessidade”- “o dinheiro (...) suscitava necessidades novas” (PEREC, 2012, p...) - é, na verdade, uma necessidade de natureza diferente, pois não explicita mais a relação com o real, e sim com o imaginário. Essa demanda, imaginariamente constituída, alterava a relação com o real dos seus corpos: “a que ponto transformara a visão que tinham dos próprios corpos (PEREC, 2012, p. 29)”.

Nesse sentido, trazendo os personagens da obra para pensar a modernidade e todo o período que a ela se segue, podemos dizer que é a ideologia, marcada pelo Capital, que se encarrega de fornecer ao sujeito os objetos substitutivos que em vão tentam preencher o vazio do real. O desejo nunca é satisfeito plenamente, e a pulsão nunca cessa de não se inscrever, o que leva Sylvie e Jérôme a perceberem-se divididos, sem conseguir fazer UM, o que o impulsiona a uma busca sem fim do “objeto” que poderá ilusoriamente obturar essa falta. F. Tfouni (2013) descreve com engenhosidade tal processo:

Temos, assim, a inscrição de um sujeito que se move, aparecendo entre significantes no discurso, um discurso marcado pela presença/ausência de um objeto que não existe senão por ilusão, por criação discursiva, que indicia a língua incompleta, funcionando a partir de uma fala desejanse, e, portanto, também marcada pela falta, assim como o sentido, a todo o momento pronto a se desfazer (TFOUNI, 2013, p. 3).

Assim, as relações quase intermináveis de coisas (“res”) podem ser interpretadas como uma tentativa de recuperar “a Coisa em si” (das Ding), o objeto perdido. Acontece que, como a linguagem é sempre faltante, a metonímia (de objeto em objeto) aparece como manifestação fragmentada desse todo perdido, uma tentativa mal sucedida de contornar o Real.

Apesar disso, sendo o desejo uma instância sem objeto, porque afinal o objeto que se procura é perdido (objeto *a*), mesmo em meio a uma cadeia (quase) infundável de objetos, o sujeito percebe-se vazio, numa contradição que lhe é inerente, e que gera angústia, como podemos visualizar nos trechos que seguem:

O maior prazer deles era esquecer juntos, isto é, se distrair. [...] Vez por outra dedicavam noites inteiras a beber, apertados em volta de duas mesas aproximadas para a ocasião, e falavam, interminavelmente, da vida que gostariam de ter levado, dos livros que escreveriam um dia, das reformas que gostariam de fazer, dos filmes que tinham visto ou iam ver, do futuro da humanidade, da situação política, de suas próximas férias. [...]

No dia seguinte, já não se viam. [...] Tomavam decisões draconianas: não mais fumariam, não mais beberiam, não mais jogariam dinheiro fora. Sentiam-se vazios e idiotas e na lembrança que guardavam da memorável bebedeira sempre inseriam uma certa nostalgia, uma vaga irritação, uma sensação ambígua, como se o próprio movimento que os levava a beber apenas tivesse avivado uma incompreensão mais fundamental, uma irritação mais insistente, uma contradição mais cerrada da qual não conseguiam se desviar (PEREC, 2012, pp. 40-41).

O âmago do funcionamento discursivo de “As Coisas” centraliza-se, em nossa proposta, no processo metonímico, que, até aqui, procuramos caracterizar a partir da Psicanálise de Freud e Lacan. Há, no entanto, um outro modo de analisar isso, complementar, sem deixar de ser específico enquanto teoria: trata-se da Análise do Discurso pècheutiana, que tem a psicanálise como um de seus pilares constitutivos.

A Análise do Discurso pècheutiana considera a linguagem como lugar da falta e sujeita ao equívoco. Pêcheux, em autocrítica impressa em fevereiro de 1978, quando apresenta seu artigo *Só há causa do que falha* reconhece a necessidade de considerar a falha e a falta como constitutivas da língua(gem) e do sujeito: “o non-sens do inconsciente, em que a interpelação encontra como se enganchar, nunca está inteiramente recoberto nem obturado pela evidência do sujeito-centro-sentido que é seu produto” (PÊCHEUX, 1988, p. 276).

Ainda assim, é preciso considerar que o discurso se organiza a partir da filiação a uma ou outra formação discursiva, e sempre na relação com o interdiscurso. Conforme Tfouni (2010):

Atribuir um sentido é trabalho do imaginário, da ideologia: fazer laço, estabelecer relações, ordenar, classificar, comparar, transformar este novo que perturba em algo sempre-já-lá: domesticar a instabilidade da “lalangue” através da “langue”, fixando, assim, por metáforas e metonímias, uma nova unidade transitória, que logo também se dissolverá sob o assédio incessante do real, do retorno do recalçado, daquilo que é impossível de se dizer enquanto tal (TFOUNI, 2010, pp. 144-145).

Esses processos que levam a uma “unidade transitória” podem ser entendidos como relacionados ao que Lacan ([1955-56] 1985), no seminário *As psicoses*, denominou “point de capiton” ou “ponto-de-estofó” como traduzem alguns autores (DOR, 1989, por exemplo), que seria o lugar de “amarração” do dizer, que permite a fragmentação, que pode ocorrer quando a deriva se instala. Considerando, então, que o “point de capiton” é o que detém o deslizamento da significação, a obra de Percec (2012) parece estar alheia a esse processo, uma vez que tal amarração não é visível, já que as listas de objetos são infinitas e colocam nos bastidores o foco narrativo da obra. O efeito disso: um estranhamento para o leitor em relação a esse processo que lhe é próprio, mas que não estamos habituados a visualizar, tendo em vista os esquecimentos aos quais somos submetidos ao nos tornarmos sujeitos de linguagem. Esse aspecto carece de uma explanação.

A teoria dos esquecimentos é um alargamento da noção de interpelação, análoga ao postulado freudiano do aparelho psíquico. Pêcheux divide os esquecimentos em dois: o

esquecimento nº 2 é da ordem da formulação, e nos leva a acreditar que fazemos “escolhas” na produção dos enunciados, negligenciando as outras formas que poderiam constituir o dizer; já o esquecimento nº 1 é da ordem do inconsciente, é o que produz a ilusão de origem, instância que nos faz crer senhores do nosso dizer (PÉCHEUX, 1988). Assim, pelo esquecimento número dois passamos a crer que o que dizemos só poderia ter sido dito daquele modo, “esquecendo”, portanto, que as formas escolhidas são parte de uma rede de outros dizeres possíveis que estão *in absentia*. Contudo, o trabalho da ideologia não se dá de modo perfeito, o que faz com que nesse processo haja falhas, lugar onde podemos perceber o atravessamento pelo inconsciente.

3. Os tempos da narrativa e o objeto *a*

Outro subterfúgio de que Perec (2102) se vale para indiciar o objeto perdido causa do desejo, além da metonímia, encontra-se no uso dos tempos verbais, que vem marcar tanto a insatisfação do desejo, quanto a demanda constante por coisas.

A questão que impulsiona a discussão é se o objeto *a*, o que causa o desejo, possui lugar na sociedade contemporânea, considerando que no mundo atual se torna obrigação consumir no tempo presente e ser feliz no tempo futuro: é do imperativo de gozo que se trata. O objeto de consumo entra no lugar do objeto *a*, iludindo o tamponamento do vazio, e sempre no tempo futuro, mas esses objetos, muito bem nomeados por George Perec como “as coisas”, não garantem a felicidade e nem o gozo pleno.

A narrativa está dividida em três tempos que podem ser entendidos como tempos lógicos pela psicanálise, que estão inscritos num modo de discurso e numa determinada ideologia. Freud ([1920] 1995b) afirma que os processos inconscientes são atemporais, tendo uma concepção tridimensional e uma noção de ordenação simultânea (conceito espacial).

O sujeito do inconsciente que se inscreve como desejante encontra-se em descompasso em relação ao objeto que supostamente satisfaria tal desejo, em função da própria condição da temporalidade do inconsciente. Essa temporalidade se distingue do tempo cronológico por conta do vazio do lugar do objeto passível de satisfazer o desejo humano. O objeto do desejo, na realidade, é a própria falta, e esse objeto não necessariamente cresce, se desenvolve e efetiva-se com o passar do tempo. Pelo fato de ser inconsciente, não pode ser determinado previamente, devido à estrutura e ao lugar do sujeito inscrito nas condições históricas e culturais, as quais o determinam.

Os três tempos na obra de Perec (2012) se apresentam da seguinte forma: no primeiro as ações são descritas no futuro do pretérito, em seguida no pretérito perfeito simples, e por fim aparecem o futuro do indicativo.

O discurso capitalista se sustenta a partir de uma ilusão e do engano do sujeito em relação à satisfação do desejo, que está sempre num tempo adiante ou num tempo que já foi. Esse modo de discurso cede ao sujeito um objeto posticho do objeto *a*.

O lugar do objeto *a* não pode ser preenchido, pois não existe um significante único que represente o sujeito, e nem um significante que diga o que é o objeto. Cria-se, desse modo, a cadeia metonímica, caracterizada pela repetição a partir da qual o sujeito supõe que alcançaria um gozo pleno. O futuro do pretérito materializa no discurso essa expectativa do sujeito ou essa crença de satisfação plena:

Mas não se sentiriam acorrentados aos objetos: certos dias, sairiam para aventura. Nenhum projeto lhes seria impossível. Não conheceriam o rancor,

nem a amargura nem a inveja. Pois seus recursos e seus desejos se harmonizariam em todos os pontos, em todos os tempos. Chamariam a esse equilíbrio felicidade e saberiam, por sua liberdade, por sua sabedoria, por sua cultura, preservá-la, descobri-la a cada instante de vida em comum (PEREC, 2012, p. 14).

Nesse primeiro tempo da narrativa, o desejo aparece enquanto possibilidade e constrói uma utopia, visto que as condições sociais nas quais os personagens estão inscritos torna improvável a obtenção de alguns dos objetos oferecidos pelo sistema capitalista. Trata-se de um desejo não realizado, mas que poderia sê-lo, e o capitalismo se serve dessa dinâmica para assujeitar o sujeito em seu próprio funcionamento, que é uma operação inconsciente.

No segundo tempo da narrativa, a ação verbal se desloca para o pretérito perfeito, ou seja, os personagens realizam algum desejo, mas em modo de gozo (parcialmente). Ocorre um fechamento, mas também uma abertura em relação ao desejo.

Os personagens obtêm ascensão no trabalho, ganham algum dinheiro. Antes eram anônimos estudantes; a partir de então, deixam de ser. Por isso, conseguem adquirir as coisas que cobiçavam e nesse processo tornaram-se outros. No momento em que viviam nesse mundo de consumo e de excessos, eles obtiveram algum dinheiro, não muito, mas o suficiente para gastar o que não podiam e ficar com as finanças deficitárias.

Em Paris, com o primeiro dinheiro que ganhou alegremente como suor de seu rosto, Sylvie comprou uma blusa de seda tricotada da Cornuel, um twin-set importado de lambswool (...). Jèrenôme comprou três Old England (...)
(PEREC, 2012, p. 28).

O autor descreve como os personagens viviam felizes e ao mesmo tempo se davam conta de que se tratava de uma felicidade falsa, pois desmoronava facilmente (“E, no entanto, se enganavam; estavam se perdendo (PEREC, 2012, p. 22)”). Era uma felicidade ameaçadora, angustiante e fugaz. Desse modo, a ambiguidade se instala o tempo todo. Existe a sensação de felicidade e euforia, mas também de melancolia e vazio. Viviam a felicidade, mas também sua insustentabilidade; é o que Péc (2012) indica pelos jogos entre os tempos verbais:

[...] suas perspectivas, seus desejos, suas ambições, tudo isso, é verdade, às vezes lhes parecia desesperadamente vazio (p. 30).
[...] teriam desejado que sua história fosse a história da felicidade; ela costumava ser apenas a de uma felicidade ameaçada (p. 54).
[...] parecia-lhes que sua vida mais real se revelava em seu verdadeiro aspecto, como alguma coisa de inconsistente, de inexistente (p. 55).

Em relação ao objeto *a* no discurso, existe aí uma ambiguidade entre o desejo (como falta) e o gozo (como ilusão de satisfação). O objeto *a*, como resto, pode causar desejo, mas também causar mais-gozo. Esse resto é uma irrupção no encadeamento da rede de significantes, o que evidencia que o desejo não é o oposto do gozo; eles estão enodados. Na repetição do lugar do sujeito na fantasia (atualização da cena fantasmática) se obtém gozo, mas essa repetição causa desejo; portanto, na própria repetição há desperdício de gozo (LACAN, [1969-70] 1992).

O discurso capitalista interpela os personagens, deslocando-os de uma posição de sujeito desejante para uma posição de consumidores de objetos (coisas). Esse modo de discurso opera a partir da evidência do sujeito barrado: só assim a promessa de satisfação plena pode funcionar, mas é algo que nunca se realiza, pois se o sujeito se satisfaz, o sistema

desmorona. Esse discurso tem como efeito o mais-gozar, pois o sujeito suposto não é insatisfeito, mas sim insaciável. É como se o objeto *a* estivesse supostamente ao alcance do sujeito, porém quando este pensa tê-lo atingido não é mais aquilo, o que gera o desejo sempre de outra coisa:

[...] viviam num mundo estranho e variável, o universo cambiante da civilização mercantil, as primeiras abundâncias, as armadilhas fascinantes da felicidade (PEREC, 2012, p. 65). [...] sonhavam, confusamente, com outra coisa (PEREC, 2012, p. 70).

O sistema capitalista explora muito bem a dinâmica do sujeito dividido, suas demandas (que são do registro do imaginário) e sua esperança insaciável pela completude, servindo-se da estrutura da castração e da ilusão de satisfação, sempre num tempo que já foi ou num tempo adiante:

Vontade frenética de serem ricos [...] desejo alucinante, doentio, opressivo, que parece governar o menor de seus gestos. A fortuna tornava-se ópio. Embriagavam-se com ele. Entregavam-se sem comedimento aos delírios do imaginário (PEREC, 2012, p. 73).

Conforme Tfouni (2013), no lugar da massa consumidora, o sujeito fica consumido, o sujeito se consome, some, vira objeto de gozo, apenas. “As coisas” são objetos de satisfação de curta duração, não há tempo para usá-los, são substituídos rapidamente. Assim, se torna cada vez mais difícil a separação entre sujeito desejante e objeto desejado. Mas, ao ocorrer o *fading* do sujeito, o objeto pulsional também some, o sujeito não escapa ao vazio; a miragem some, pois não é o objeto *a* que o capitalismo oferece, e sim apenas um objeto postiço:

Não esperaram mais projetos, mais paciência; não esperavam nada [...]. Não sentiam alegria, nem tristeza, nem sequer tédio, mas ocasionalmente se perguntavam se ainda existiam, se existiam de verdade [...] aquela vida era conveniente, adequada e, paradoxalmente, necessária: estavam no cerne do vazio [...], mas naquele vazio [...] tinham a impressão de se purificar, de redescobrir uma simplicidade maior [...]. (PEREC, 2012, p. 100- 101).

Perec (2012) indica que o discurso capitalista não dá conta de escamotear a falta por muito tempo, pois o objeto *a* é da estrutura do sujeito. A questão se torna problemática quando o sujeito fica reduzido a esse lugar de objeto de consumo, como se ele não fosse nada se não o tivesse. Afinal, “as coisas” não garantem nem a felicidade e nem gozo pleno, é só uma promessa. Isso ocorre porque na sociedade atual as relações sociais estão disfarçadas sob a forma de troca de mercadoria (“coisas”). Esse movimento cria frustração e angústia, como foi discutido acima, porque, como se trata do objeto *a*, que é a *causa* da dialética do desejo, estão envolvidas aí as pulsões de vida e de morte. Referimo-nos às duas facetas do objeto *a*: ele tanto pode ser *agalma*, quanto *rebotalho*. Segundo Tfouni e Tfouni (2008, p. 86), “A mercadoria (enquanto agalma) aparece, então, como viva, dotada de vida e - como toda entidade espiritual - dotada de um poder, ou mana (Freud, [1920] 1995b). Ela serviria talvez como amuleto da vida, como patuá, conferindo poder a quem a porte ou possua.”

Para Lacan ([1963-64] 2005) o traço perverso impõe um desejo que se “apresenta como vontade de gozo [...] como uma subversão da lei (p. 166)”. Essa vontade é aquilo que aparece como uma satisfação irrefreada. No entanto, é uma vontade que fracassa, que depara com seu próprio limite, seu próprio freio. Em última instância, o funcionamento perverso se

serve de um objeto fetiche, que pode ser tomada como “as coisas”, para denegar aquilo que é da ordem da estrutura do sujeito, ou seja, a castração.

Quando os personagens vão para Sfax, dão-se conta da ilusão em que viviam, e que “as coisas” que desejavam estavam sempre em outro lugar. Tal ilusão se presentifica nos seguintes recortes (Perec, 2012):

Parece-lhes que aquele luxo, aquele conforto, aquela profusão de coisas oferecidas, aquela evidência imediata da beleza não mais lhes diziam respeito [...]. Não sabiam mais o que queriam. Estavam despossuídos [...]. Não restava nada [...] busca indecisa que não os levara a lugar nenhum (p. 107-108).

No terceiro momento da narrativa, na conclusão, o tempo verbal aparece no futuro, estruturando virtualmente como os personagens viverão, indicando um retorno da esperança. Tentarão viver sempre como antes viveram e viveriam, evocando sempre o tempo passado e, olhando para o futuro, ainda visando à felicidade plena: o impossível. No entanto, o futuro não se trata de contingência e nem de hipótese, mas sim de um desejo que poderá ser realizado num momento posterior. Percebe-se um retorno ao tempo em que estavam capturados pela promessa de felicidade imposta pelo discurso capitalista, como indica o recorte abaixo:

Sonharão com a fortuna. Olharão para os meios-fios com a esperança de encontrar uma carteira, uma nota de banco, uma moeda de cem francos, uma passagem de metrô (PEREC, 2012, p. 112).

Estariam olhando de outro lugar?

Considerações finais

A obra de Perec parece escancarar a relação da língua como lugar de deriva (TFOUNI, 2010), ao tomar o processo metonímico em si, sem a barra que lhe é necessária. Ao deslizar quase que incessantemente de objeto em objeto, o autor nos adverte de que existe uma “causa das coisas” que, como já discutimos, está sempre se deslocando.

Esse objeto que desliza não está fixo em nenhum lugar; portanto, é causa de desejo: esse é o conceito de objeto *a* inventado por Lacan ([1963-64] 2005). A obra de Perec retrata muito bem a diferença entre os objetos de consumo, que não passam de coisas, e o vazio que esses objetos nunca dão conta de preencher, que Freud ([1895] 1995a) nomeou como *Das Ding*, e Lacan ([1963-64] 2005) como objeto *a*.

A dinâmica de mercado capitalista se serve dos objetos de consumo para vender uma promessa ilusória de satisfação ao sujeito, produzindo temporariamente o tamponamento do vazio, ao mesmo tempo em que também se utiliza desse vazio, dessa impossibilidade de apagamento pleno da falta para continuar a vender coisas.

Observamos que o texto literário objeto desta análise poderia instigar diversas análises. O caminho que traçamos passa por uma leitura discursiva e psicanalítica da obra, enquanto produto de sujeitos colocados em um determinado tempo e espaço, representados pelos personagens. Essa leitura aponta para um funcionamento dos sujeitos contemporâneos, de sujeitos faltantes e desejanteres que são interpelados pela ideologia capitalista. Leitura temporal, portanto, mas que indicia um funcionamento além da obra, além desses sujeitos.

Perec's lists: the cause of things in metonymy and the object *a*.

ABSTRACT: The objective is to present a possible reading of George Perec's book *As Coisas: uma história dos anos sessenta*, establishing an articulation with Lacanian psychoanalysis and pinpointing some concepts of Pêcheux's Discourse Analysis through concepts like discourse, ideology, metonym and object *a*. The characters embody contemporary subjects, submitted by ideology to the consumption of objects that will never fulfill the structural emptiness of desire. Within this frustrated demand, endless lists of products are created, forming a metonymic gliding that never ends.

Key words: discourse; ideology; modernity; object; metonymy; desire.

Referências Bibliográficas

DOR, J. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1989.

FREUD, S. [1895]. *Projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro: Imago, 1995a.

_____. [1905]. *Os Chistes e sua relação com o Inconsciente*. In: Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud . RJ. Imago Editora, 1995b.

JAKOBSON, R. [1942]. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2001.

LACAN, J. O seminário: livro 3: *As psicoses* [1955/1956]. 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. O seminário: livro 5: *Formações do inconsciente* [1957/1958]. 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. O seminário: livro 7: *A ética da psicanálise* [1960/1961]. 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. O seminário: livro 10: *A angústia* [1963/1964]. 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. O seminário: livro 17: *Avesso da Psicanálise* [1969-1970], Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

MARX, K. *O Capital*. Livro I, Volume 1 - O processo de Produção do Capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, 571p.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

PEREC, G. *As coisas: uma historia dos anos sessenta*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2012.

SAUSSURE, F. [1916]. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SPERANZINI, M. M. *A pesquisa (in)finita das coisas – George Perec e a arte do desimportante*, 2011. 232 f. Defesa (Doutorado em Letras), Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

TFOUNI, L. V. Em busca da felicidade, o corpo se consome no consumo. *Revista Távola online*. Jun, 2013. Disponível em: <http://nucleotavola.com.br/revista/em-busca-da-felicidade-o-corpo-se-consome-no-consumo/>. Acesso em 30.08.2013.

_____. *Autoria e contenção da deriva*. In: TFOUNI, L. V. (Org.). *Múltiplas faces da autoria*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2010, pp. 141-152.

_____.; TFOUNI, F. E. V. Reificação, subjetivação e feitichização. In: Romão, L. M. R., Gaspar, N. R. *Discursos midiático: sentidos de memória e arquivo*. São Carlos: Pedro 7 Joao Editores, 2008, pp. 83-95.

Data de envio: 12/05/2014
Data de aceite: 12/03/2015
Data de publicação: 23/04/2015